



Revista de Enfermagem

UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

ARTIGO ORIGINAL

NURSING ASSISTANCE SYSTEMATIZATION: NURSING STUDENTS' OPINION

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA POR ESTUDANTES DE ENFERMAGEM

SISTEMATIZACIÓN DE LA ASISTENCIA DE ENFERMERÍA: IMPORTANCIA ATRIBUIDA POR ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA

Rafael Coelho Damaceno¹, Silvana Sidney Costa Santos², Flávia Lamberti Pivoto³, Bárbara Tarouco da Silva⁴, Rosemary Silva da Silveira⁵

ABSTRACT

Objective: to identify the nursing students' opinion on Nursing Assistance Systematization. **Methods:** this is about a qualitative, descriptive and exploratory research made with fifteen students. For collecting data there was a recorded semi-structured interview and for analysis, the themes came together. **Results:** eleven women and four men among 19 and 39 years old were interviewed. Nine of them had already taken the extracurricular stage, three of them took nursery technical course and four of them act in nursing. As for the theme: touch with Nursing Assistance Sitematization, the students showed the theory classes and practical activities, readings about the theme, and the participation in courses and events. **Conclusion:** regards to the feelings experienced in the Nursing Assistance Systematization application, we observed disappointments and frustration; difficulty to learn; disbelief to start practicing; satisfaction and credibility. We noticed that the students understood Nursing Assistance Sitematization as a tool the nurse will have to propose a better care giving importance. **Descriptors:** nursing; students; nursing care.

RESUMO

Objetivo: identificar a importância atribuída à Sistematização da Assistência de Enfermagem por estudantes de enfermagem. **Métodos:** trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, qualitativa, com 15 estudantes. Na coleta de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada gravada, e, na análise, o agrupamento de temas. **Resultados:** os sujeitos foram 11 mulheres e quatro homens, com idades entre 19 anos e 39 anos. Nove deles já haviam realizado estágio extracurricular; três possuíam curso técnico de enfermagem, e quatro atuavam na enfermagem. Quanto ao tema Contato com a Sistematização da Assistência de Enfermagem, os estudantes citaram as aulas teóricas e atividades práticas, leituras sobre o tema e a participação em cursos e eventos. Em relação a Sentimentos Vivenciados na Aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem, constatou-se: desapontamento ou frustração; dificuldade em apreender; descrença em colocar em prática; satisfação e credibilidade. **Conclusão:** verificou-se que os estudantes compreendiam a Sistematização da Assistência de Enfermagem como ferramenta que o enfermeiro terá à sua disposição para proporcionar um cuidado mais adequado, atribuindo-lhe importância. **Descritores:** enfermagem; estudantes; cuidados de enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: identificar la importancia atribuida a la Sistematización de la Asistencia de Enfermería por estudiantes de enfermería. **Métodos:** es una investigación exploratoria, descriptiva, cualitativa, con 15 estudiantes. En la colecta de datos fue utilizada la entrevista semiestructurada gravada, y, en el análisis, la agrupación de temas. **Resultados:** los sujetos fueron 11 mujeres y cuatro hombres, con edades entre 19 años y 39 años. Nueve de ellos ya habían realizado la pasantía extracurricular; tres poseían curso técnico de enfermería, y cuatro actuaban en la enfermería. Quanto al tema Contacto con la Sistematización de la Asistencia de Enfermería, los estudiantes citaron las clases teóricas y actividades prácticas, lecturas sobre el tema y la participación en cursos y eventos. En respecto a Sentimientos Vivenciados a la aplicación de la Sistematización de la Asistencia de Enfermería, fue constatado: decepción o frustración; dificultad de aprehender; incredulidad en poner en práctica; satisfacción y credibilidad. **Conclusión:** fue verificado que los estudiantes comprendieron la Sistematización de la Asistencia de Enfermería como una herramienta que el enfermero tendrá a su disposición para proporcionar un cuidado más adecuado, atribuyéndole importancia. **Descriptor:** enfermería; estudiantes; cuidados de enfermería.

¹Enfermeiro graduado pela Escola de Enfermagem da Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: Rafaelcoelho2@gmail.com; ²Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem da Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: silvanasidney@terra.com.br; ³Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: flaviapivoto@yahoo.com.br; ⁴Enfermeira. Mestre em Enfermagem da Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: babi@vetorial.net; ⁵Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem da Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: anacarol@mikrus.com.br

INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Enfermagem se desperta o interesse em buscar compreender o que diferencia a profissão, das demais profissões direcionadas à saúde, no que tange à maneira de exercê-la, sobretudo no que diz respeito às atribuições dos trabalhadores da equipe de enfermagem.

Após o primeiro contato com a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), é possível compreender que o enfermeiro possui formação e competência para aplicar seus conhecimentos técnico-científicos na prática assistencial, visando ao cuidar realizado de forma coerente e coesa. A SAE torna-se atribuição específica do enfermeiro no planejamento das ações de cuidado, atribuição essa que o diferencia dos outros trabalhadores da equipe.

O termo *cuidar* tem um conceito complexo, amplo e específico, voltado a alguém ou alguma coisa. Essa amplitude se deve ao cuidado estar por toda parte, sendo inato e vital para o ser humano. E a especificidade se manifesta quando atribuído a um indivíduo ou situação, como o cuidado de enfermagem, onde o cuidar envolve uma relação entre, no mínimo, duas pessoas: uma que exerce o papel de ser cuidador e outra que exerce o papel de ser cuidado.¹

Para cuidar, o enfermeiro precisa sistematizar suas ações. Sistematizar pode ter o significado de "organizar", mas não necessariamente usando todas as etapas do método científico, pois, nesse caso, o termo mais adequado seria Processo de Enfermagem (PE).²

Porém, considerando que a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 272/2002 aborda o termo SAE como sinônimo de PE, optou-se por trabalhar ambos os conceitos, dando-se mais ênfase à temática SAE.

O COFEN, por meio da Resolução 272/2002, normatiza a SAE como sendo:

atividade privativa do enfermeiro, utiliza método e estratégia de trabalho científico para a identificação das situações de saúde/doença, subsidiando ações de assistência de Enfermagem que possam contribuir para a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde do indivíduo, família e comunidade.^{3:1}

A SAE, no Brasil, teve como precursora Wanda Horta, com a publicação, em 1979, do

livro intitulado O Processo de Enfermagem, que conceituou o PE como a “dinâmica das ações sistematizadas e inter-relacionadas, visando à assistência ao ser humano”^{4:35}. A partir de então, a enfermagem brasileira vem se configurando como uma arte com firme base metodológica, o que possibilita a formação de trabalhadores capazes de prestar um cuidado de enfermagem qualificado, com respaldo na SAE.

A SAE é uma ferramenta metodológica que viabiliza para o enfermeiro a aplicação de suas habilidades técnico-científicas, na identificação das necessidades de intervenção profissional.⁵

Seu desenvolvimento pode tornar a relação entre o enfermeiro e o paciente mais estreita, pois requer maior envolvimento e presença constante do enfermeiro nas ações de cuidado. Para isso, é necessário seguir as etapas do Histórico de Enfermagem, com conversas e visitas diárias, em busca da constatação de diagnósticos, para que ações sejam planejadas, intervenções sejam levadas a efeito e avaliadas a cada dia.

Didaticamente, inicia-se a SAE com a elaboração do Histórico de Enfermagem, “roteiro sistematizado para o levantamento de dados do ser humano que tornam possível a identificação de seus problemas”^{4:35}. Uma estratégia utilizada para facilitar a operacionalização dessa fase é a elaboração de instrumentos de coleta de dados, que proporcionam o estabelecimento de uma base de dados completa, além de economia de tempo e praticidade para os enfermeiros.⁶

Após a elaboração do Histórico, estabelece-se o processo diagnóstico, culminando com a fase de identificação do Diagnóstico de Enfermagem, definido pela North American Nursing Diagnosis Association como um julgamento clínico das respostas do indivíduo, da família e da comunidade quanto aos processos vitais, aos problemas de saúde atuais ou de risco⁷. O Diagnóstico fornece a base para a seleção das prescrições de enfermagem, para atingir os resultados sobre os quais o enfermeiro tenha responsabilidade.

Na utilização/identificação dos diagnósticos de enfermagem, de acordo com a unidade de atuação, é possível inferir, com base em dados empíricos, o domínio do conhecimento mínimo necessário ao enfermeiro, para organizar o cuidado prestado ao ser humano.⁸

Outra fase diz respeito à Prescrição de Enfermagem, um instrumento que auxilia e orienta o processo de trabalho da

enfermagem, objetivando atender as reais necessidades dos clientes⁴. Necessita ser uma atividade co-participativa entre os enfermeiros e os outros trabalhadores da equipe de enfermagem e, assim, todos se sentem responsáveis e comprometidos com a sua implementação. Se registrado adequadamente, servirá ainda de guia para continuidade dos cuidados, por outras equipes.

Há necessidade da documentação da prescrição de enfermagem de maneira informatizada, devido à existência de uma sobrecarga de funções atribuídas ao enfermeiro. Mediante a utilização dos recursos computacionais, haverá uma otimização nas tarefas de gerar e comunicar a informação. Resultando em mais disponibilidade dos enfermeiros para implementarem a SAE e o gerenciamento das unidades, ou seja, diminuindo consideravelmente a distância entre gerenciar e cuidar.⁹

Segue a Evolução de Enfermagem, que é “o relato diário ou periódico das mudanças que ocorrem no ser humano durante o tempo que estiver sob assistência profissional”^{4:67}, oferecendo um controle sobre a qualidade e a quantidade do atendimento prestado.

Além do próprio ato de registrar o fazer da enfermagem, uma Evolução de Enfermagem necessita ser redigida de forma clara, objetiva, freqüente e completa, possibilitando uma comunicação permanente com a clientela, e efetiva entre os trabalhadores da saúde. O que servirá para o monitoramento, a avaliação e o replanejamento dos cuidados, assim como para outros fins, como pesquisas, auditorias, processos jurídicos, entre outros.¹⁰

Torna-se importante priorizar a Evolução de Enfermagem no fazer do enfermeiro, pois sua ausência pode resultar, por um lado, em falta de visibilidade e de reconhecimento profissional e, por outro lado, em ausência ou dificuldade de avaliação de sua prática, o que é talvez mais sério. Por meio da realização da SAE, são justificados não somente o cuidado de enfermagem que foi prestado, mas a própria razão de ser da profissão.¹¹

Documentar a prática da enfermagem deveria ser uma decorrência não só natural, mas necessária, conforme o proposto pela lei do exercício profissional 7498/86 e a Resolução COFEN 272/2002, que trata do cumprimento legal do dever do enfermeiro. Também se trata do direito do cliente de ter seus problemas de enfermagem identificados, com a intervenção de enfermagem

sistematizada, avaliada e organizada por quem possui conhecimento para tal.¹¹

Os passos da SAE oferecem vantagens para o enfermeiro e também para o ser humano a ser cuidado, porque possibilita a utilização de metodologia científica; direciona a pesquisa; permite a interação entre enfermeiro e cliente, o que propicia um cuidar individualizado; conduz ao diagnóstico de enfermagem; além de determinar prioridades, orientações e observações posteriores.⁴

Apesar da importância da SAE no fazer do enfermeiro, existem algumas dificuldades no contexto de trabalho que podem inviabilizar sua implementação, destacando-se a sobrecarga de trabalho do enfermeiro, associada aos desvios da sua função devido ao número insuficiente de trabalhadores para desempenho de diversas atividades¹². Dentre essas atividades, citam-se aquelas relacionadas com requisição, armazenamento, distribuição, controle e manutenção de materiais e equipamentos; verificação das instalações da unidade; manutenção da ordem e limpeza do ambiente de trabalho; encaminhamento de paciente a serviço auxiliar médico e ambulatorial, dentre outras¹³.

A SAE, desde os anos de 1980, no Brasil, continua em fase de construção, permanecendo uma enorme lacuna entre a produção do conhecimento e sua aplicabilidade na prática diária do enfermeiro. É preciso que o enfermeiro procure caminhos e estratégias favoráveis que possibilitem a aplicação da SAE. Para tanto, há necessidade de processos de discussão e reflexão acerca das prioridades estabelecidas no fazer do enfermeiro. Do mesmo modo, é preciso que docentes estejam sensibilizados para proporcionar esses espaços na academia.¹⁴

A realização desta pesquisa justificou-se pela relevância em identificar o valor atribuído à SAE pelos estudantes. Tendo em vista que essa é uma ferramenta importante que o futuro enfermeiro terá ao seu alcance para implementar e facilitar o seu processo de trabalho, e tentar preencher algumas lacunas em sua atuação.

Outra justificativa diz respeito à necessidade da implementação da SAE, a partir da Resolução do COFEN 272/2002. Além de ser uma atividade privativa do enfermeiro, a utilização dessa ferramenta do processo de trabalho da enfermagem necessita ser aplicada em todas as áreas de sua atuação, estabelecendo efetivamente a melhora da qualidade do cuidado de enfermagem³. A

implantação da SAE foi realizada em Instituição de Longa Permanência de Idosos – ILPI¹⁵, demonstrando que pode ser implementada em qualquer local de trabalho do enfermeiro.

O contato de estudantes de enfermagem e enfermeiros com a elaboração dos Diagnósticos de Enfermagem acontece com maior frequência pelas leituras e nas aulas, e com menor frequência por meio de atividades de pesquisa, participação em eventos e na prática clínica¹⁶.

A Escola de Enfermagem que foi palco deste estudo vem desenvolvendo um interesse contínuo em relação à SAE. Percebe-se essa ação por meio da elaboração e implementação de um novo currículo, a partir do Projeto Político do Curso (PPC), e por meio da criação de uma disciplina denominada Sistematização da Assistência de Enfermagem, na qual a SAE é vista com mais ênfase.

A partir das leituras e ponderações realizadas, tornou-se imprescindível refletir sobre as seguintes questões de pesquisa: Como se deu o primeiro contato dos estudantes de enfermagem com a SAE? Que sentimentos foram vivenciados por esses estudantes na aplicação da SAE? Quais as expectativas desses estudantes quanto à utilização da SAE?

Para tanto, teve-se como objetivo do estudo identificar a importância atribuída à SAE por estudantes de enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo, realizada em um curso de graduação em enfermagem localizado em uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), na Região Sul do Brasil.

Os sujeitos do estudo foram 15 estudantes de enfermagem. Os critérios de inclusão foram: que os estudantes tivessem visto conteúdos sobre a SAE; concordância em participar da entrevista; consentimento para que a entrevista fosse gravada; permissão para que os dados fossem divulgados; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Justificam-se, assim, como exclusão, os estudantes do 1^a, 2^a e 3^a séries, por não terem tido contato com conteúdos envolvendo a SAE.

Os 15 participantes estavam cursando o 4^a e 5^a séries, no currículo vigente, e o 6^o, 7^o e 8^o semestres do currículo em extinção. Eles foram selecionados mediante sorteio, a partir da lista de matrícula dos semestres

pesquisados, a fim de evitar um possível direcionamento dos resultados. Para cada três estudantes, foi sorteado um suplente. Um dos estudantes investigados foi o suplente do respectivo semestre.

Quanto aos aspectos éticos, seguiu-se a Resolução 196/96¹⁷, submetendo-se este estudo ao Comitê de Ética da Santa Casa de Caridade do Rio Grande, sendo aprovado com o Parecer de número 036/2007.

Para a coleta dos dados, utilizou-se a técnica de entrevista, agendada previamente com os participantes, conforme sua disponibilidade. As entrevistas foram realizadas em uma sala da área acadêmica da Escola de Enfermagem, gravadas em MP3 e posteriormente transcritas e validadas com os participantes.

Na análise dos dados, consideraram-se temas que emergiram dos depoimentos dos sujeitos do estudo. Assim, foram os seguintes os temas direcionadores da análise: Contato com a SAE; Sentimento Vivenciado na Aplicação da SAE; Perspectivas quanto à Aplicação da SAE. Para sustentação, esses temas e os depoimentos dos estudantes entrevistados foram relacionados à literatura pertinente, com a finalidade de reforçar o conhecimento técnico-científico referente à SAE. Também foi utilizada a experiência dos pesquisadores envolvidos no estudo. Portanto, a análise se deu por meio de leituras exaustivas dos dados coletados; depois, pela identificação de categorias e, por fim, pelo contraste dos depoimentos com bibliografia pertinente, para sustentar os resultados encontrados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentados considerando a caracterização dos estudantes investigados e os temas que se originaram da análise, seguidos de contribuições de autores da enfermagem.

• *Estudantes*

Participaram do estudo 15 estudantes, predominando o sexo feminino (11) em relação ao sexo masculino (quatro). A idade variou entre 19 e 39 anos. Nove estudantes já haviam realizado ou estavam realizando estágio extracurricular; três possuíam Curso Técnico de Enfermagem e quatro trabalhavam, três deles, diretamente na prestação de cuidado de enfermagem.

• Contato com a SAE

Quanto a Contato com a SAE verificou-se que os estudantes mantiveram esse contato por meio de aulas teóricas e de atividades práticas:

[...] na sala de aula no estágio na Clínica Cirúrgica [...]. (E2)

[...] na disciplina de sistematização da enfermagem [SAE] no terceiro semestre [...] aplicação do trabalho prático que era na Clínica Cirúrgica. [...] e agora em Administração em Enfermagem [...] (E4)

Na disciplina de introdução III [...] depois, no adulto II [Saúde do Adulto II] foi onde eu mais obtive contato [...] (E7)

Na disciplina de Introdução [...] estágio na clínica cirúrgica [...] (E8)

[...] durante os estágios e durante as aulas. Algumas disciplinas davam Sistematização [SAE], como administração. (E12)

Ao responderem como obtiveram o contato com a SAE, os estudantes enfatizaram que diferentes disciplinas do curso de enfermagem proporcionavam esse fazer. Pode-se perceber que parece estar sendo atribuída uma importância à SAE, nas vivências entre professores e estudantes, possibilitando que a reflexão surja de modo a contribuir na formação desses futuros profissionais.

São ferramentas facilitadoras da implementação da SAE o aprendizado teórico e a execução durante a formação profissional, além do domínio da fisiopatologia.¹⁸ O que demonstra a relevância da abordagem e priorização da SAE no ensino da graduação de enfermagem.

Foi possível evidenciar, também, que os estudantes das 4ª e 5ª séries tiveram uma disciplina específica intitulada Sistematização da Assistência de Enfermagem, que parece ter-lhes propiciado mais uniformidade no aprendizado da SAE, conforme depoimento:

[...] através da disciplina de Sistematização da Assistência de Enfermagem, do novo currículo, no terceiro semestre [...] (E3)

Frente ao exposto, o fato de instituir uma disciplina específica de Sistematização da Assistência de Enfermagem pode significar a manifestação da preocupação dos professores em relação à necessidade de investir no ensino da SAE para os futuros enfermeiros, para que estes possam interiorizá-la em seu fazer. A Instituição de Ensino Superior (IES) que possuir uma disciplina específica de Sistematização da Assistência de Enfermagem, em seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC), tem possibilidade de preparar um futuro profissional enfermeiro fundamentado

cientificamente para a assistência de enfermagem.¹⁹

Os estudantes também se utilizaram de leituras sobre o tema:

Realização de leituras [...] a leitura foi o que eu mais utilizei para o contato inicial com a SAE. (E1)

[...] de leitura de material [...] (E3)

[...] lendo os livros da bibliografia que a professora passava. (E13)

A utilização da literatura possibilita tanto o aprofundamento dos conhecimentos da temática, apresentados em disciplinas da formação profissional ou em cursos de atualização, como também em respostas aos problemas encontrados no desenvolvimento da SAE,¹⁸

Também foi destacada a participação em eventos e palestras, como forma de contato com a SAE. A Escola de Enfermagem da IFES onde este estudo foi desenvolvido vem buscando enfatizar a importância da SAE na prática profissional e estimulando o aprofundamento teórico da temática. Promoveu, no 2º semestre de 2007, um curso ministrado por professor de outra IES, e, durante a Semana Acadêmica de Enfermagem, em maio de 2008, a conferência de abertura abordou a SAE. Além disso, o 9º Simpósio Nacional de Diagnósticos de Enfermagem (SINADEn) aconteceu em Porto Alegre e muitos estudantes do curso investigado participaram desse evento. Conforme os relatos:

Participei de eventos. (E1)

Eventos e palestras. (E14)

• Sentimentos vivenciados

Em relação aos sentimentos vivenciados na aplicação da SAE, constatou-se que os estudantes consideravam a SAE importante, e seu desenvolvimento como propulsor de um maior reconhecimento da profissão. No entanto manifestaram sentimentos de desapontamento ou frustração, porque a Academia realiza a SAE, porém os enfermeiros do Serviço não a realizam, como revelado a seguir:

[...] aqui no HU ainda não é utilizado no meio profissional, os acadêmicos utilizam mais e uma parte dos profissionais não utilizam [...] é isso que torna o primeiro contato difícil, tu não tens um sistema já implementado que tu possas já te guiar e que os outros possam se guiar. (E1)

[...] seria muito bom se fosse realmente como nos livros [...], como é falado, como é esquematizado, seria um ponto bem positivo para profissão, pois valorizaria mais os profissionais de enfermagem. (E13)

A gente fica meio frustrada porque a sistematização [SAE] é ótima, se funcionasse em todos os lugares. Se a gente pudesse realmente praticar [...] (E15)

Pode-se evidenciar, por meio deste estudo, que parece existir uma lacuna entre o que é preconizado na academia e o instituído no hospital de ensino em que ocorrem as atividades práticas. Na maioria das vezes, os enfermeiros encontram-se assoberbados e acabam por priorizar ações de cuidados prescritas por outros profissionais. Essa dificuldade constitui-se num grande desafio tanto para a academia, quanto para o HU, pois o trabalho do enfermeiro, nessa instituição, também serve como referência direta ou indireta aos futuros enfermeiros.

Outra questão pode estar relacionada à ausência de conhecimentos para implementar a SAE. O domínio insuficiente dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento da SAE torna-se barreira para a implementação dessa ferramenta nas instituições de saúde. Quando realizada sem o conhecimento suficiente, ela visa apenas para o cumprimento de tarefa institucional, não havendo a conscientização da importância desse processo para a atuação do enfermeiro, como trabalhador da saúde.¹⁸

Outro sentimento relacionou-se à dificuldade em apreender a SAE, talvez pela necessidade maior de utilização de ferramentas cognitivas, como mais estudo, mais teoria, mais aplicabilidade, de acordo com os relatos:

[...] ela [SAE] não é fácil. Tem que ter conhecimento para achar o diagnóstico de enfermagem certo [...] (E2)

[...] muito difícil [...] em todo momento a gente recorria às leituras para tentar fundamentar o que a gente estava vivenciando [...] você está sempre voltando às teorias, sempre voltando à pesquisa e consulta de livros [...] (E4)

Eu fiquei muito insegura, porque não sabia se o que eu estava vendo, era realmente o que eu poderia escrever [...] (E5)

Pelo fato de o ensino da SAE, nas escolas de enfermagem, ser recente e realizado em disciplinas isoladas, isso não tem favorecido aos estudantes a aquisição de habilidades necessárias para o seu desenvolvimento. Uma estratégia poderia ser a abordagem contínua, ao longo da formação do estudante, direcionada por uma complexidade progressiva em um eixo curricular.²

Uma dificuldade exposta por um estudante diz respeito à falta de uniformização do ensino da SAE pelos diversos professores do curso, conforme evidencia o seu depoimento:

[...] há muita diversidade da SAE de um professor para outro [...] (E5)

Essa questão vem sendo discutida nas reuniões de um grupo de estudos sobre a SAE iniciado na IES pesquisada. Dele fazem parte estudantes e professores e em breve contará com a participação dos enfermeiros no hospital de ensino.

Outro sentimento verificado foi o de descrença em colocar a SAE em prática, por conta das várias atividades realizadas pelos enfermeiros:

Eu vi que é muito extenso de ser realizado no dia-a-dia [...] fica difícil de realizar da forma como foi trazido [...] que não haveria tempo para realizar todos os passos, a não ser que você fosse atender um paciente ou dois por dia [...] (E3)

[...] aqui no nosso hospital ela não é valorizada [...] (E14)

Para tanto, é preciso encontrar caminhos e estratégias coletivas entre a Academia e o Serviço, os enfermeiros professores e os enfermeiros do hospital de ensino, que possibilitem qualificar o cuidado prestado e, ao mesmo tempo, oportunizar agilidade e a possibilidade de comprovar e registrar as ações de cuidado, permitindo maior visibilidade do trabalho da enfermagem.

O pouco conhecimento das dimensões teóricas e práticas da SAE pode ser considerado um dos principais motivos que levam os enfermeiros a não realizarem-na, em sua prática assistencial. E, muitas vezes, a negarem a importância do comprometimento e empenho dos enfermeiros para a implementação da SAE, o que resulta em descrença e não adoção do processo de enfermagem para organização e desenvolvimento de sua prática¹⁸. Essa descrença pode ainda ser reforçada pela desarticulação entre o saber e o fazer na enfermagem, ou seja, na existência de um distanciamento que se mostra real, entre teoria e prática.²⁰

Por fim, outros sentimentos foram os de satisfação e credibilidade, quando o estudante começa a perceber que a SAE faz diferença para um cuidado mais adequado para o ser humano cuidado, conforme verificado:

Acho bom, interessante, porque a gente aprende uma maneira de organizar, de repensar, refletir os cuidados [...] tu diferencias, tu dá um cuidado individualizado [...] (E7)

É muito interessante [...] no começo achei difícil [...], mas, quando tu vêes que está dando certo, os cuidados [...] (E8)

Quando os enfermeiros aplicarem a SAE, essa ferramenta poderá contribuir para que

eles alcancem o reconhecimento social de sua prática perante a sociedade, pois estarão vinculando seu exercício a um dos objetos de sua profissão, que é o planejamento do cuidado.¹⁸

Os sentimentos negativos de frustração e descrença foram descritos pelo grupo investigado com igual intensidade, independente da série/semestre cursados, o mesmo acontecendo com os sentimentos de satisfação e credibilidade.

• *Perspectivas quanto à SAE*

No que se refere a Perspectivas quanto à SAE, verificou-se que alguns estudantes tinham perspectivas positivas e negativas, simultaneamente. Concernente às expectativas positivas, apreendeu-se que, para os estudantes investigados, a SAE era uma ferramenta facilitadora da assistência de enfermagem:

[...] eu acho extremamente importante, é uma ferramenta que além de nos permitir [...] um diagnóstico de enfermagem esclarecido e também uma forma de acesso às informações do paciente de uma forma padronizada [...] facilita muito a assistência. (E1)

[...] uma ferramenta importante, como o nome diz, SAE: sistematizar o cuidado de enfermagem [...] tem que saber, para poder exercer o seu papel [o enfermeiro] no meio em que estiver atuando. (E3)

Os passos da SAE, quando interligados, contribuem para identificação das características definidoras do ser humano, o que possibilita o estabelecimento de diagnósticos e prescrições de enfermagem direcionados às necessidades específicas do indivíduo e fornece base à avaliação. E isso facilita a conduta da equipe de enfermagem e mantém o cuidado individualizado.²¹

Ainda integrando as perspectivas positivas da adoção da SAE, um estudante, além de qualificá-la positivamente, descreveu que a SAE é necessária para o enfermeiro exercer o seu papel profissional na equipe de saúde, conforme depoimento:

É importante [...] é bom para nós como profissionais [...], para realizar nosso papel. (E8)

Os benefícios da implementação da metodologia da SAE não estão apenas centrados na melhoria da qualidade da assistência, mas também beneficiam a enfermagem e aos seus trabalhadores, contribuindo para o processo de trabalho²² e trazendo mais satisfação ao desenvolvimento do processo de trabalho da enfermagem.

Uma terceira perspectiva apresentada pelos estudantes foi a de que a SAE ajuda na organização do processo de trabalho:

[...] ajuda para fazer o planejamento [...] (E2)

[...] se o nosso trabalho é prescrever cuidados e a gente tem que agir de forma organizada, é a SAE que agente utiliza para tudo. Então ela é muito importante [...] (E6)

Numa quarta perspectiva, citada pelos estudantes, a SAE mostra-se uma ferramenta que tem futuro, tem sustentabilidade junto à enfermagem, tanto que alguns estudantes citaram que gostariam de trabalhar utilizando-se da SAE:

[...] vai ter futuro. Implantar é difícil, mas depois que começar a andar, as pessoas irão ver que vale a pena, que o trabalho fica mais valorizado [...] (E11)

[...] tem tudo para engrenar, porque durante a faculdade é bem focado [...] a gente vê que tem resultados [...] (E12)

[...] eu espero trabalhar com ela [SAE] [...] é uma parte nossa que a gente conquistou [...] tomara que eu não me iluda [...] (E14)

[...] espero que as instituições se adequem a essa assistência, porque vai engrandecer a profissão, vai facilitar a assistência do paciente e melhorar também a produtividade, a assistência e o cuidado para o hospital. (E15)

Referente às expectativas negativas quanto à SAE, verificaram-se alguns depoimentos contundentes dos estudantes:

[...] está longe da concretização [...] todo pessoal da saúde teria que estar envolvido nesse processo. (E4)

[...] em teoria, ajuda bastante o enfermeiro. Só que eu não sei o quanto que o enfermeiro vai conseguir colocar em prática, por causa da quantidade de pacientes e de trabalho que ele [enfermeiro] tem na unidade. (E9)

Esperava-se que os estudantes que estavam tendo contato com a SAE em uma disciplina específica estivessem mais esperançosos em suas expectativas, porém não se verificaram diferenças entre as respostas dos estudantes dos vários semestres pesquisados.

A implementação da SAE no desenvolvimento das atividades do enfermeiro pode resultar em maior visibilidade das ações profissionais, além de propiciar um cuidado individualizado e de qualidade. No entanto, se não acontecer a tomada de consciência de sua relevância para o fazer e o saber profissionais, ela será apenas mais uma ferramenta auxiliar

no processo de trabalho do enfermeiro, “não garantindo o avanço e autonomia da profissão”.^{2:98}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que os estudantes investigados compreendiam a importância da SAE como ferramenta que o enfermeiro tem à sua disposição, para proporcionar um cuidado mais adequado.

A metodologia qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, apresentou-se adequada ao estudo e, por meio dela, foi possível alcançar o objetivo.

Como pontos positivos do estudo, citam-se: mais aproximação com a temática da SAE; maior conhecimento da percepção e da credibilidade dos estudantes quanto à SAE, possibilitando melhor direcionamento do ensino dessa metodologia na IFES pesquisada. Como limitação, se aponta a dificuldade em entrevistar os 15 estudantes, em virtude de suas diversas ocupações, sendo necessário solicitar a participação de um estudante suplente dos sorteios pré-estabelecidos.

As implicações para a enfermagem decorrentes deste estudo incluem, no ensino, a necessidade do corpo docente da IFES em questão investir mais na abordagem da SAE, nos diferentes períodos da grade curricular, considerando a complexidade progressiva e simultânea à aplicação nas atividades práticas. Na pesquisa, este estudo poderá ser utilizado como fonte para futuros trabalhos de conclusão de cursos. Na extensão/assistência, poderá contribuir no sentido de sensibilizar os enfermeiros docentes e assistenciais para a necessidade de implantação da SAE no hospital universitário.

Percebeu-se que os estudantes mais próximos da conclusão do curso estão demonstrando a existência de uma lacuna entre o que é teorizado e o que se pode aplicar durante as atividades práticas e estágios, transferindo essa preocupação para o mundo do trabalho. Então, fica como proposta que seja dado um enfoque com mais possibilidades teóricas e práticas, para que o estudante e o enfermeiro possam aplicar seus conhecimentos sobre a SAE dentro das diversas realidades do mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Garcia TR. Conferência - A enfermagem e o cuidar no novo milênio. In: Encontro do Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba, 5, João Pessoa, PB; 2002.

2. Carvalho EC, Bachion MM, Dalri MCB, Jesus CAC. Obstáculos para a implementação do processo de enfermagem no Brasil. Rev Enfermagem UFPE On Line 2007 jul/set; 1(1):95-99.

3. Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Resolução 272 de 27 de agosto de 2002, que normatiza a SAE. Brasília; 2002.

4. Horta WA. Processo de enfermagem. São Paulo: EPU; 1979.

5. Garcia TR, Nóbrega MML. Sistematização da assistência de enfermagem: reflexões sobre o processo. In: Anais do Congresso Brasileiro de Enfermagem, 52, Recife, Pernambuco, 2000. Recife: ABEn; 2002. p. 231-43.

6. Bittar DB, Pereira LV, Lemos RCA. Sistematização da assistência de enfermagem ao paciente crítico: proposta de instrumento de coleta de dados. Texto Contexto Enferm. 2006 out/dez; 15(4):617-628.

7. North American Nursing Diagnosis Association. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2007-2008. Porto Alegre: Artmed; 2008.

8. Volpato MP, Cruz DALM. Diagnósticos de enfermagem de pacientes internadas em unidade médico-cirúrgica. Acta Paul Enferm. 2007 abr/jun; 20(2):119-124.

9. Sperandio DJ, Évora YDM. Planejamento da assistência de enfermagem: proposta de um software-protótipo. Rev Lat-am Enferm. 2005 nov/dez; 13(6): 937-943.

10. Matsuda LM, Silva DMPP, Évora YDM, Coimbra JAH. Anotações/registros de enfermagem: instrumento de comunicação para a qualidade do cuidado? Revista Eletrônica de Enfermagem. 2006; 8(3):415-421. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_3/v8n3a12.htm

11. Garcia TR, Nóbrega MML. Processo de enfermagem e os sistemas de classificação dos elementos da prática profissional: instrumentos metodológicos e tecnológicos do cuidar. In: Santos I (org.). Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: realidade, questões, soluções. São Paulo: Atheneu; 2004.

12. Backes DS, Esperança MP, Amaro AM, Campos IEF, Cunha AO, Schwartz E. Sistematização da assistência de enfermagem: percepção dos enfermeiros de um hospital filantrópico. Acta Sci Health Sci. 2005 jan/jun; 27(1): 25-29.

13. Guimarães EMP, Spagnol CA, Ferreira E, Salviano ME. Uso del plano de cuidado como

estrategia de sistematización de la atención de enfermería. *Ciência y Enfermería*. 2002 dez; 8(2):49-58.

14. Figueiredo RM, Zem-Mascarenhas SH, Napoleão AA, Camargo AB. Caracterização da produção do conhecimento sobre sistematização da assistência de enfermagem no Brasil. *Rev Esc Enferm USP*. 2006 abr/jun; 40 (2): 299-303.

15. Santos SSC, Feliciani AM, Silva BT. Perfil de idosos residentes em Instituição de Longa Permanência: propostas de ações de enfermagem/saúde. *Rev RENE*. 2007 set/dez; 8(3):26-33.

16. Oliva APV, Lopes DA, Volpato MP, Hayashi AAM. Atitudes de alunos e enfermeiros frente ao diagnóstico de enfermagem. *Acta Paul Enferm*. 2005 out/dez; 18(4): 361-367.

17. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP). Resolução 196/96. Pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília; 1996.

18. Takahashi AA, Barros ALBL, Michel JLM, Souza MF. Dificuldades e facilidades apontadas por enfermeiras de um hospital de ensino na execução do processo de enfermagem. *Acta Paul Enferm*. 2008 jan/mar; 21(1):32-38.

19. Carraro TE, Kletemberg DF, Gonçalves LM. O ensino da metodologia da assistência de enfermagem no Paraná. *Rev Bras Enferm*. 2003 set/out; 56(5):499-501.

20. Koerich MS, Backes DS, Nascimento KC, Erdmann AL. Sistematização da assistência: aproximando o saber acadêmico, o saber-fazer e o legislar em saúde. *Acta Paul Enferm*. 2007 out/dez; 20(4):446-451.

21. Sakano LM, Yoshitome AY. Diagnósticos e intervenções de enfermagem em idosos hospitalizados. *Acta Paul Enferm*. 2007 out/dez; 20(4):495-498.

22. Hermida PMV, Araújo IEM. Sistematização da Assistência de Enfermagem: subsídios para implantação. *Rev Bras Enferm*. 2006 set/out; 59(5):675-9.

Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (Turma 2008-01) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande

Recebido em: 08/03/09

Versão final reapresentada em: 09/05/09

Aprovado em: 11/05/09

Publicado: 01/07/09

Endereço para correspondência

Silvana Sidney Costa Santos²

Rua Duque de Caxias, 197/503 - Centro.

CEP: 96200-020 Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil